



contato com Perfecto Cuadrado, que nos passou seu número de telefone, e nos informou que você vivia em Crosne, uma pequena e muito bonita cidade situada nos arredores de Paris. Pronto: comecei a provocar o Rui para que ele fosse a Paris e fôssemos juntos visitá-la, para, quem sabe, conseguirmos fazer algumas filmagens na ocasião. Algo desprezioso, caseiro, informal. E o Rui, “pau para toda obra” (como dizemos aqui no Brasil), topou o desafio de se perder comigo nesse empreendimento que logo nos entusiasmou enormemente. Ual: depois de termos ambos privado com Cruzeiro Seixas e com Raul Perez, tínhamos a chance de conhecer A DRAGÃO COM SEU CACHIMBO! Lembro – entre alguns lapsos de memória, devo assumir (embora eu não seja uma nonagenária, as intensidades acabam se misturando nas minhas narrativas do passado...) – do primeiro telefonema que fiz a Crosne, em que pude conversar com a querida Emilienne, antes que ela me direcionasse a você. Lembro ainda da hospitalidade com que vocês duas disseram que poderiam nos receber, lembro dos chás e dos bolinhos que partilhamos, das risadas e da companhia constante e carinhosa do felino que nos escutava a todos, no seu silêncio de ouro. Lembro de como a Virgínia Boechat, grande amiga apaixonada pela poesia portuguesa (como todos nós), que já vivia em Paris há muitos anos, rapidamente se mobilizou para integrar o projeto, convidando também a videomaker Diana Gandra para registrar nossa segunda visita. Mas lembro, sobretudo, de como tudo confluía de forma tão afetuosa para que partilhássemos bonitas conversas e muito boas risadas, lembro do aprendizado da história entre as tantas estórias, e lembro da generosidade imensurável com que você e a Emilenne nos acolheram no lar de vocês. Para que tudo isso não seja jamais esquecido, e possa ser transmitido a mais pessoas, é que decidimos transcrever parte da entrevista gravada naqueles dias frios, que encerravam o fatídico ano de 2021. A você e à Emilienne, toda a nossa gratidão, nossa amizade e nossa admiração: que a vida siga nos brindando com encontros tão magníficos como este. EVOÉ!

Um grande beijinho saudoso,

Ana Cristina Joaquim e Rui Sousa

São Paulo, 21 de dezembro de 2024.



Figura 1: Isabel Meyrelles e sua escultura em processo – gesso. Crosne, novembro/2021.  
Créditos: Ana Cristina Joaquim.



Figura 2: Escultura finalizada em bronze. Setembro/2024.  
Créditos: Rui Sousa.







de aprender escultura, eu encontrei um escultor que a Universidade gostava bastante e ele aceitou-me como aluna e eu fui aprender com ele escultura felizmente. Foi o melhor aprendizado para mim. Antes disso fazia uma escultura a cada semestre, sem saber, não é? Era uma idade mal [trecho incompreensível]. Tinha visto no Porto uma violonista francesa, Le Ginnete, que morreu de acidente de avião nos Açores americanos, lembra? Que morreu também [trecho incompreensível]. Que tinha uns movimentos extraordinários a tocar. Enfim... E eu fiquei fascinada com aquela mobilidade e aquela coisa. E no dia seguinte, fui comprar barro, pus em cima da minha mesa de estudante e fiz cinco estatuetas. E tentei fazer os movimentos que eu tinha visto. E não sabia escultura. Não tinha aprendido nada. E o que eu fazia antes, coisinhas... brincadeiras, nem eram brincadeiras, não eram nada, eram coisas para ocupar as mãos. E nesse ano havia a exposição de artes plásticas, daquelas que eram “Sua visão sem controle”... E eu pus minhas esculturas todas lá num cantinho, todas empilhadinhas assim num cantinho. E no dia seguinte recebi uma carta que dizia “não gostamos” assinada por Mário Cesariny e por Cruzeiro Seixas. Na altura tinha o telefone do Mário e telefonei-lhe a dizer que se não gostou que me fale. Então marcamos encontro na secretaria... E ele esteve a explicar o problema da pessoa que não sabia escultura e que queria fazer escultura, faz arte bruta, que era o mais adequado, o que se chama arte bruta.

*RS:* É quase a experiência deles nos cafés, os relatos deles na António Arroio que se juntavam todos a fazer...

*IM:* Quer dizer, eles tinham já uma educação surrealista. Tinha visto o Breton, tinham falado com este, tinham falado com aquele... Eu não conhecia nada. Vinha do Porto, um anjinho, não sabia coisa nenhuma sobre a arte surrealista, portanto, nem sabia que aquilo podia ser considerado arte bruta e que estava enquadrado dentro de uma sala do surrealismo. E daí eu fiquei muito espantada quando eles disseram que eram surrealistas e que achavam que aquela arte era surrealista. E “e o que é o surrealismo?”. E então ficamos numa longa conversa. Eu contei um pouco da minha vida e eles contaram um pouco da deles. Tivemos aí quase três hora na conversa. E ficamos muito amigos. Isso foi, portanto, em 49, eu passei quase todo os anos 50 em Lisboa onde fiquei uma pessoa célebre

simplesmente porque andava com os cabelos cortados, porque eu tinha carapinha. [trecho incompreensível], mas uma carapinha que tinha ser cortada com aquelas coisas que os barbeiros usam porque a tesoura não havia e eu estava muito contente porque cortava a 25 tostões. Eu ia ao barbeiro cortar o cabelo. Então era horrível. Ninguém podia imaginar o escândalo que aquilo foi, uma mulher ir ao barbeiro cortar o cabelo. Depois correu o rumor que eu andava de calças. [trecho incompreensível] etc., etc. Eu estava-me nas tintas. Mesmo assim conheci as pessoas mais interessantes de Lisboa aquelas que não tinham preconceitos anticabelo cortado e anticalças e todas as artes plásticas, literárias, tudo... Uma meia dúzia de pessoas inesperadas. Porque não foi eu que as escolhi, foram elas que escolheram a mim. E ficaram minhas amigas e eu fiquei amiga delas.

*ACJ:* Isabel, você estava contando que as pessoas se escandalizam porque você andava de calças, não é?

*IM:* Eu não andava de calças!

*ACJ:* Você não andava de calças? Isso é uma expressão?



Figura 4: Isabel Meyrelles e Ana Cristina Joaquim. Crosne, novembro/2021.  
Créditos: Diana Gandra.

*RS:* É um mito urbano. Eu acho que isso é muito como as pessoas começaram a associar uma atitude que considerava provocatória e depois a reunir uma série de questões, não é? Mas também é dentro deste contexto que veio o nome de guerra, o Fritz?

*IM:* Isso foi de uma amiga alemã que dizia que eu tinha cara de Fritz.

*ACJ:* E o que é ter cara de Fritz?

*IM:* Eu não sei. Uma cara alemã, certamente, porque ela era alemã. E, portanto, achava que eu tinha cara de Fritz. Portanto, como não queria dar o meu nome porque eu era do Porto de uma família muito chata que, se soubesse o que se passava em Lisboa, morriam todos com um enfarte. Então eu fiquei Fritz. E depois, de fato começou a girar as coisas com meu nome muito mais tarde escrevia Meireles com um “i” e um “l” como se faz. O meu nome de batismo escrito no registo civil na cidade de Matosinhos está Maria Isabel Soares Meyrelles com “i” grega e dois “eles”, isso foi em 1929. Portanto, eu assino meu nome.

*RS:* Não é nome artístico, nem nada.

*IM:* Meu nome artístico, que é este, o meu nome. Esta história já acabou. Mas em todos os casos foi divertido.

*ACJ:* Eu te ouvi falar de andar de calças... Eu não conhecia essa expressão portuguesa...

*IM:* Não é expressão nenhuma. Uma ideia.... Como eu era uma rapariga assim, com o cabelo cortado assim, devia andar de calças. Primeiro porque não as tinha. E, depois, se as tivesse eu podia ser apanhada pela polícia. Se fosse apanhada... uma mulher nunca punha calças em Lisboa. Se uma mulher fosse apanhada de calças em Lisboa ia [trecho incompreensível].

*ACJ:* Tinha que estar sempre de saia. Uau.

*IM:* Sim, sim e isso em 49.















Figura 5: Isabel Meyrelles e Emilienne Paoli. Crosne, novembro/2021.  
Créditos: Virgínia Boechat.



Figura 6: Emilienne Paoli e Isabel Meyrelles, retratos antigos.  
Créditos: Rui Sousa.



*RS:* A poesia e a imaginação podem estar aí.

*IM:* Qual poeta se vê imaginação? A parte do Mário, a maior parte dos poetas usa a imaginação por igual.

*ACJ:* O Herberto.

*IM:* Eles criam coisas mas sem imaginação, percebe? A imaginação é outra coisa. A imaginação vem para além da realidade. A realidade pode conduzir a certas coisas. Mas tudo muito limitado. E os vários poetas portugueses que fizeram isso tiveram seus caminhos próximos da imaginação, mas não passaram... Mas esta é minha opinião. Eu não estou a pregar (ri).

*ACJ:* Por outro lado, é muito notável no teu trabalho tanto na poesia, n' *O Livro do tigre*, quanto na escultura, esse lugar que você falou das mitologias, que você foi buscar, e tal, e até pela parte dos animais também.

*IM:* De tudo que é dos animais. Eu fui criada numa quinta com minha avó e minha tia. Eu tinha cinco anos e passava o dia sozinha na mata que havia atrás da casa, com as cabras. Então eu andava com as cabras e sozinha e depois toda a minha vida era naquela mata e tudo que havia na mata era vivo, vivia comigo. Os bichinhos, as cabras, as lagartas eram minhas primas. E via diretamente nas cabras e elas achavam que eu era um cabrito, que eu fazia parte da família. Abraçava-lhes o pescoço, fazia-lhes festinhas, sentava com elas. Eu era o cabrito e elas eram família. Eram absolutamente como minha família. Quando eu via uma cabra eu dizia "olha uma prima".

*ACJ:* Tanto que teu autorretrato é um dragão. A escultura em que você se retrata.

*IM:* Sim. Quer dizer, eu fiz o dragão. Depois é que olhei para ele e ele olhou para mim e eu "isso é meu retrato, isso sou eu". Não fiz para ser meu retrato. Foi por acaso depois de pronto que eu achei que era o meu retrato.



Figura 7: Isabel Meyrelles assina a primeira edição de *Le Livre du Tigre* para oferecer ao Rui Sousa.

Créditos: Virgínia Boechat.







*IM:* Corajosa... mas ela se vingou em mim. Que eu nasci [trecho incompreensível], toda gente diz, um acontecimento em que ela estava em muito mal estado, com a cabeça rachada, com as costelas muito tortas. Ela foi para o hospital, ela estava para morrer ou quase, fomos logo para o hospital. Eu fui para uma ama. Essa parte não sei. Eu estava lá mas não sei. A desgraçada da minha mãe ficou lá não sei quantos meses no hospital, e o hospital, aquele hospital de Matosinhos deve ser um horror. O tratamento descobriu-se depois. Ela conseguiu escapar. Misteriosamente, maravilhosamente, fantásticamente escapou. E eu fiquei não sei quantos anos antes de a conhecer. As estradas portuguesas eram caminhos de cabras e de automóvel e até a Serra do Marão a Beira-Alta só havia uma ponte da Régua para passar para outra margem e eles iam lá uma vez por ano para visitar a família. Iam visitar toda a família. Minha vó que era mãe da minha mãe, minha tia, que era irmã dela, e eu. Ficam lá um dia ou dois e iam embora. E a minha mãe era tão previdente, que quando ela saía de Matosinhos já levava uma farmácia com medicamentos para tratar feridas, porque meu pai acabava, porque meu pai sempre acabava no fundo de uma ribanceira, contra uma árvore, nunca chegou a morrer ninguém por milagre... Meu pai conduzia muito mal. E estrada de pedra, caminho de pedra...

O primeiro livro de poesia, de poesia que li foi do maior sonetista português... Primeiro livro de poesia que li foi Antero de Quental. Que fiquei com um amor. O Antero para mim era uma espécie de estrela que o via muito alto.

*RS:* É notável que na introdução a essa antologia que agora quando revi, que a Isabel ali além de escolher, que opinião minha, escolhe muito bem naquela antologia da Gallimard, está muito bem-feita, são imensas traduções suas. Até provavelmente poemas que nunca tinham sido traduzidos para o francês até ali...

*IM:* ... o da Natália e a do Mário, por exemplo, que não haviam sido traduzidos.

*RS:* *A Cena do Ódio* do Almada também não. Sei que está lá pela primeira vez. Mas o que noto também, além da antologia e da tradução que é notável, é a introdução em que cada poeta é apresentado com um parágrafo mais ou menos, há ideias muito bem-feitas. Nota-se ali não





*RS:* Este corte com a cultura Europeia, com a novidade, com o mundo... Essa deve ter sido uma experiência. Aliás, essa experiência que parte, pelo menos de tudo que tenho lido, do grito de revolta do abjeccionismo.  
[...]



Figura 9: Emilienne Paoli. Crosne, julho/2024.  
Créditos: Rui Sousa.







*ACJ*: Ele era performático... Ele tinha essa coisa.

*IM*: Um pintor ser assim, é muito difícil. Era isso... Sendo conhecido, pouco a pouco pela galeria... E todos os amigos contribuíram a ser uma certa fama.

*ACJ*: As publicações pela Assírio também. A Assírio & Alvim dá uma grande visibilidade porque ela distribui bem os livros, divulga. E ele era um editor da Assírio & Alvim também isso facilitava, de certa forma. Isabel, mas conta também como foi como você organizou os três volumes da obra do Cruzeiro Seixas. Você falou que passou anos..

*IM*: Não, um ano. Uma vez que estava na casa dele, vi num canto um monte de papéis empilhados, papéis soltos, empilhados uns em cima dos outros e perguntei: “por que tens esse monte de papel empilhado, porque não os deita fora?”. E ele: “são os meus poemas”. Tenho-os aí guardados quando vier aí um editor que venha aqui e queira publicá-los eu assim os posso dar.

*ACJ*: Manuscritos, todos?

*IM*: Não, a maior parte estava escrito à máquina. Mas todos estavam atados e escrito “África”.

*RS*: Com uma data à frente, não é?

*IM*: Não, nenhum. Estavam escritos “África”. Passei um ano, primeiro a escolher. Eram muitos. Ele publicou alguns poemas em revistas. Mas havia duplos. Alguns se repetiam. Fiz uma primeira escolha, depois uma segunda escolha, depois uma terceira escolha. Depois tinha que encontrar os poemas de África que eram escritos com o nome das casas onde ele trabalhava em África. Consegui recolher quase todos nessa série e ele que me disse depois, “há alguns que não são, sabe, mas isso não tem importância”.

*ACJ*: E o critério de junção com os outros? Foi a partir de proximidade? Ou que achava que tinha temáticas parecidas? Por datas... Estava tudo sem datas, não é?

*IM*: Eu tenho impressão de que ele me disse só para me chatear.

*RS*: Ele, para mim, o que me disse foi que no fundo nunca tinha saído de África. Ele me disse que só voltou porque não queria participar da guerra. Mas em espírito estava lá. E ele contou-me histórias muito curiosas, que teve uma altura em que ele teve muita sorte, porque ele foi de jipe para o meio do nada e o jipe avariou e ele três dias e três noites perdido no meio de África sem ajuda. De repente, quando ele pensava que já ia ficar ali, passou uma caravana e salvou-o. Porque ele foi para ali sozinho. E o mais engraçado foi que das últimas vezes que o visitei que foi na Casa do Artista, ele mostrou-nos um livro que tinha dedicatória de um rapaz que ele tinha conhecido em África quando era miúdo e acho que foi o Cruzeiro Seixas que ensinou o miúdo a ler ou havia começado a ler e a escrever. E o miúdo não sei quantas décadas mais tarde andou a procura dele para oferecer aquele livro e mostrar que afinal havia aprendido.

*ACJ*: Ó, que bonito!

*IM*: Já contou quando quase se afogava? Quando ele ia nadar eu tinha que ir para tomar conta dele para ele não ir ao fundo. Era uma chatice. [trecho incompreensível]

[Falam da inabilidade do Artur Cruzeiro Seixas para nadar]

*IM*: São cópias. Há certas peças de que gostei, desenhos dele que poderia se transformar em escultura. Eu dizia “que pena que não dá para ver do outro lado”. Para o escultor tem que ter três faces ou quatro ou cinco, ou quantas que quiserem por. Se tiver só uma é uma tristeza. Eu ficava muito triste e pensava e então “o que está do outro lado”. Então eu pegava no desenho e fazia a arte [esculturas da Isabel a partir dos desenhos de Cruzeiro Seixas].

*RS:* Mas algumas que se percebem que dialogam. Há uma compreensão artística ali muito forte. Porque o Cruzeiro Seixas tem um universo... a obra dele tem um universo reconhecível a distância.

*IM:* Ah, isso tem. Mas o curioso que nunca reconheceu que eu fiz esse trabalho de poesia. Ele nunca me agradeceu. O diário dele... Chegou a mim num estado miserável. Eu passei o outro ano tentar pôr uma certa ordem naquilo.

*RS:* É um diário/não diário, não é?

*ACJ:* São muito cadernos.

*IM:* São vinte e cinco volumes. Vinte, vinte e cinco...

*ACJ:* Estão agora lá na Fundação Cupertino.

*IM:* A coleção queria comprá-los. A Fundação dava vinte e cinco mil euros.

[Os assuntos seguem adiante (e poderiam se seguir infinitamente, em infinitas outras visitas...): sobre a falta de dinheiro do Cruzeiro Seixas; sobre o medo de que ele se suicidasse...; sobre as cartas trocadas entre Cruzeiro Seixas e Cesariny; sobre o momento em que brigam entre si; sobre Sérgio Lima ser pouco conhecido no Brasil; sobre o contexto do surrealismo no Brasil; sobre Cláudio Willer... Assuntos que merecerão uma transcrição completa e cuidadosa num futuro próximo. Seguimos!].

Agradecemos à editora do presente número, Lúcia Liberato Evangelista, pelo trabalho cuidadoso na transcrição da entrevista.



Figura 10: Rui Sousa, Ana Cristina Joaquim e Virgínia Boechat. Montmartre, a caminho de Crosne, novembro/2021.  
Créditos: *selfie*.



Figura 11: Diana Gandra e Virgínia Boechat. Paris, 2022.  
Créditos: *selfie*.

